

## **ESCOLA, JUVENTUDE NEGRA E HIP HOP: UM ENSAIO SOBRE BIOPOTÊNCIA**

**JOVINO**, Ione da Silva. – UFSCar – ionejovino@terra.com.br

**ABRAMOWICZ**, Anete. – UFSCar – anetabra@power.ufscar.br

**GT:** Movimentos Sociais e Educação / n.03

**Agência Financiadora:** IFP Ford Fondation

### **Apresentação**

O texto que é resultado de uma pesquisa de mestrado deverá enfatizar a análise de práticas discursivas de alunos de ensino médio, do período noturno, negros e atuantes no movimento hip hop.

A proposta apresentada é de uma análise das relações que se estabelecem entre os/as alunos/as negros/as hip hoppers e a escolarização formal. Buscamos, o plural usado aqui explicita uma fala múltipla, mostrar como a partir de depoimentos e falas foram construídas visões, sentidos e significados acerca da temática escola e de outras que se ligam a ela. Além disso, procuraremos explicitar um espaço existente, que denominamos espaço “do entre”, onde dois campos importantes para a juventude negra se interpõem e se complementam: a escolarização formal e suas próprias práticas culturais. Neste texto, especial atenção será dada à análise das falas sobre escola.

### **Construindo instrumentos**

A análise procurou evidenciar a maneira pela qual os alunos, jovens, negros, pobres e hip hoppers, no interior dessa maquinaria de produção de subjetividades da qual a escola faz parte, produziram territórios existenciais alternativos, usando a própria vida como vetor de auto-valorização e, ao mesmo tempo, de valorização de suas práticas culturais. Nosso desafio foi justamente criar instrumentos para avaliar não as vivências de discriminação e racismo no ambiente escolar, não a estranheza e recusa da escola à entrada da cultura hip hop para além de suas grades e portões, mas sim para avaliar como a partir desses espaços de negação e recusa, os jovens negros hip hoppers transformavam sua realidade em potência de vida.

Cabe dizer o sentido no qual usaremos a expressão potência de vida, ou biopotência. Derivada do termo biopolítica, forjado por Foucault para designar uma das modalidades de exercício do poder sobre a vida, a partir de uma inversão semântica e política deixa de ser poder sobre a vida para ser entendido como potência da vida – biopoder ou biopotência. A análise apresentada terá como base um referencial foucaultiano.

A coleta de dados foi realizada em uma escola pública estadual, localizada na zona sul da cidade de São Paulo.

Para a escolha dos colaboradores, foram considerados hip hoppers aqueles que se auto-identificaram como tal. Para o quesito cor/raça também foi usado como critério a auto-identificação. Segundo Piza e Rosemberg (2002), a auto-identificação pode ser entendida como “as escolhas de cor, feitas pelos indivíduos respondentes, do rol das cores existentes tanto no vocabulário racial brasileiro quanto no vocabulário utilizado pelos censos.” (Piza e Rosemberg, 2002, p.93)

Na tentativa de criar instrumentos que dessem conta de nossa proposta, fizemos uma opção metodológica em relação ao modo de falar com os manos e minas, privilegiando falar com eles e não deles ou sobre eles. Essa opção, conforme Deleuze (1992)<sup>1</sup>, relaciona-se a algo fundamental dos ensinamentos de Foucault: “a indignidade de falar pelos outros”. É um esforço de análise para além da idéia de representação, que ultrapasse o propósito de falarmos o que pensamos que os outros falam. Evidentemente não se trata de apresentar memórias, ou de expor o dito pelos alunos na primeira pessoa do singular, como lembra Deleuze (1992), mas de nomear, positivar, atribuir sentido à potência de vida que os alunos enunciam e indicam.

Ouvir o que os alunos falam, entendem, pensam é uma opção teórica/metodológica na qual existe a certeza de que eles têm o que dizer. Tomar as falas dos hip hoppers como saber e positividade, ouvi-los desde a escola e para além da mesma é uma postura que revela uma opção política. Segundo Abramowicz (2000)<sup>2</sup>, Foucault talvez tenha sido o mais fecundo e incisivo dentre tantos outros nessa prática. Para a autora “é necessário tirar as implicações teóricas/metodológicas quando Foucault rediscute a noção de representação, afirmando que as pessoas devem dizer ou falar em nome próprio e que devem poder fazê-lo, e que tais falas sejam tomadas sem as desqualificações das ordens discursivas” (Abramowicz, 2000, p.11).

Após um período de observação, que incluiu conversas com alunos, professores e coordenação da escola, decidimos por entregar aos jovens o gravador, para que eles próprios se entrevistassem. Foi-lhes solicitado que a temática “escola” fizesse parte da entrevista, porém não foi determinado que este seria o assunto único. Nem tampouco

---

<sup>1</sup> Deleuze (1992). Conversações.

<sup>2</sup> Abramowicz, A. Prefácio. In: Barbosa, J. (org), *Autores cidadãos. A sala de aula numa perspectiva multirreferencial*. São Carlos: Editora da UFSCar, 2000.

lhes foi dado um roteiro, ou um tempo previsto de duração para a entrevista. Eles deveriam conduzi-las da forma que melhor lhes conviesse.

Pensamos esse procedimento, entregar aos hip hoppers os gravadores, como um esforço de radicalizar o processo metodológico adotado, uma forma de positivar a vida, as práticas culturais, na medida em que buscamos uma forma de trabalhar com o movimento hip hop na sua pluralidade, procurando compreender e construir com ele o exercício da tessitura de diferença de um movimento sem liderança, ou de lideranças múltiplas, no qual cada um se autoriza a falar.

Os nomes não são fictícios. Manter os nomes verdadeiros também foi uma opção metodológica, emergida das entrevistas feitas pelos manos. É possível identificar claramente seu desejo de que outras pessoas saibam a quem pertencem aquelas palavras, quem mandou “aquela mensagem para melhorar seu proceder”. Eles se autorizam a falar e produzem uma fala que não quer ficar escondida atrás de uma incógnita ou de um nome imaginário.

*Anderson: Firmeza então. Então essa aqui foi uma entrevista aqui de Anderson e Julio César. Firmeza aí pra toda rapaziada aí que vai ficar sabendo desse proceder, que se conscientiza aí irmão sobre essa fita aí que a gente tá fazendo pra rapaziada, firmeza!*

Ao chamá-los de manos, minas ou hip hoppers, estamos deliberadamente nos furtando de enquadrá-los em designações teórico-acadêmicas de adolescência e/ou de juventude. Isto também faz parte de nosso esforço teórico-metodológico radicalizado de construir coletivamente os instrumentos de análise. Em momento algum eles se referem a si mesmos como jovens ou adolescentes, todos são manos e minas. São também os irmãos. Mas mano ou irmão não tem um sentido fraterno ou familiaresco. Manos ou irmãos são aqueles que fazem parte da rede estética de amizade, entendida como espaço de reinvenção de diferença e construção de uma outra sociabilidade, a negro-juvenil-hip-hopper-urbana. Falamos de uma rede estética porque “rap é compromisso”<sup>3</sup>, mas também, e sobretudo, é lazer e prazer.

### **As minas e os manos têm a palavra**

A análise foi a partir de entrevistas, decompostas na busca de extrair temáticas que delas surgissem. O recorte temático das falas originou a construção de painéis, a

---

<sup>3</sup> Sabotage, *Rap é compromisso*. CD: *Rap é compromisso*, São Paulo: Zâmbia, 2001.

partir deles percebemos quatro eixos temáticos que se subdividiam e se interligavam: **escola, hip hop, espaço e infância.**

Em relação à escola, ao modo como a percebemos nas falas dos manos e minas, ela se apresentava de diferentes modos. Ela era obrigação: lugar ao qual tiveram que se acostumar. Era também aliada: é preciso estar ou passar pela escola para enfrentar a guerra contra o sistema. Era lazer: espaço no qual podiam praticar algumas atividades aos finais de semana. E por fim, era “salvação”: meio de ascensão social, possibilidade de se colocar melhor no mundo do trabalho, de ganhar importância social. De toda forma, as falas sobre escola se apresentaram carregadas de uma tamanha positividade que, embora este fato nos tenha causado estranheza num primeiro momento, nos perguntamos o tempo todo e buscamos sempre compreender que positividade era aquela. O hip hop também se apresentava como salvação: que tira das drogas, inclui no mundo artístico, faz pensar, prepara para a guerra. E para preparar para a guerra, o hip hop mostra outra característica, ele ensina: aconselha, conscientiza, cuida e informa. E se ensina, há também o aprender: acatar o conselho, conscientizar-se, informar-se, saber cuidar. E esse ensinar/aprender corrobora a prática do cuidar. Cuidar dos mais novos, da escola, das palavras, das relações. E nesse movimento de ensinar/aprender/cuidar, do qual o rap faz parte, ele se apresenta como lazer e prazer: de cantar, de compor, de ouvir. E no paradoxo das ações “positivas” de cuidar, aconselhar, aprender e ensinar o hip hop aparece para a os professores da escola e para a sociedade como violência, desordem, ignorância e barulho.

Em relação à temática que chamamos de espaço, de um lado estaria o espaço físico: a favela, os bairros. De outro lado, estaria o espaço enquanto local “de inscrição” e de território para a formação de rede. A rede estética da amizade. Essa rede, da qual falaremos mais adiante, é uma rede pela qual manos e minas se articulam e produzem amizades. Rede [passível de ser percebida pela constante denominação de elementos que compõem a rede: os grupos de rap, os rappers, os hip hoppers, os presidiários, os desertados, os negros, os favelados. Entre os grupos de rap estão incluídos aqueles dos quais alguns dos entrevistados participam, os grupos que ouvem, os grupos com os quais cantam juntos, os rappers com quem dialogam e até rappers que já morreram como Sabotage.

Por fim, na temática infância, tempo tão próximo para quem tem 16 ou 17 anos, que se tornou tão distante a ponto de torná-la memória de um tempo remoto ou de impossibilitar a elaboração das lembranças. A temática infância se liga intimamente às

[A1] Comentário:

demais, pois carrega na dimensão tempo, a qual pertence, um pouco do **espaço**: a favela, o bairro, a pobreza, o trabalho precoce; da **escola**: o entrar na escola pela primeira vez; do **hip hop**: conhecer o rap ou hip hop desde pequeno. A infância traz ainda a lembrança das dificuldades, o desemprego dos pais, o trabalho iniciado cedo, as brincadeiras, a convivência com a criminalidade, o cuidado dos mais experientes do hip hop. A infância se mostra como o tempo e espaço anterior ao hip hop, às vezes negativo e sem perspectiva, e impulsionador de outras coisas.

Os painéis que são a colagem das entrevistas conforme os recortes temáticos, foram uma tentativa de “rachar as palavras ou as frases para delas extrair os enunciados”, tornando visível o que não estava oculto. Como lembra Deleuze, ao falar sobre a questão do arquivo para Foucault, “é preciso pegar as coisas para extrair delas visibilidades. E a visibilidade de uma época é o regime de luz, e as cintilações, os reflexos, os clarões que se produzem no contato da luz com as coisas. Do mesmo modo é preciso rachar as palavras ou as frases para delas extrair os enunciados.” (Deleuze, 1992, p.120)

### **Escola: a positividade**

Nas falas dos hip hoppers-alunos, a escola, instituição social, apresenta-se de várias formas: como obrigação, lugar ao qual tiveram que se acostumar; como aliada na guerra contra o “sistema”, ou mesmo como espaço onde se recebe parte da preparação para a “guerra”; e também como salvação, meio que poderá possibilitar a ascensão social, trabalho em melhores condições, enfim, ser “alguém” na vida. Há também uma outra escola, unidade escolar na qual eles estudam, que aparece como aliada e como espaço de lazer. Ambas escolas: “uma escola” e “a escola”, instituição ou espaço escolar, são lugar da “pivetação”: é a criança ou o adolescente quem deve estar na escola.

Um fato em especial nos intrigou nas falas sobre escola. Todas as referências à escola na qual eles estudam, nos dão a conhecer uma escola boa, uma escola “normal” como qualquer outra. Conhecendo, ou melhor, pensando conhecer a realidade da escola e os mitos que se criam sobre ela, pois lá fui coordenadora pedagógica por dois anos, julguei de antemão que os alunos diriam que a escola era ruim. Inclusive e até porque, os órgãos oficiais de ensino consideram que aquela seja uma escola que não alcança níveis satisfatórios de desempenho.

No ano de 2001, a Secretaria de Estado da Educação de São Paulo classificou suas escolas por cores. Tal classificação se deu conforme o rendimento das escolas no

SARESP<sup>4</sup> 2000 e em índices de evasão escolar. A escala era azul, verde, amarela, laranja e vermelha, cabendo às escolas “azuis” as melhores avaliações e prêmios e às vermelhas o contrário. A escola em questão era a única “vermelha” entre aproximadamente 89 escolas estaduais jurisdicionadas pela Diretoria Regional de Ensino à qual pertence.

É fácil encontrar entre os moradores dos arredores da escola, aqueles que fazem esforços para manter seus filhos em qualquer escola que não seja aquela. O mesmo ocorre com professores, quando da atribuição de aulas, que preferem qualquer alternativa, inclusive ficar sem aulas, a dar aulas nesta escola. O preconceito em relação à escola e aos que lá trabalhavam, refletido na fala de educadores e gestores educacionais, também estava presente na comunidade próxima da escola.

Conhecendo de perto fatos, boatos e mitos, não houve como não ficar intrigada com esta escola “boa” que os alunos nos apresentavam. Isto porque, fazendo parte da comunidade, considerávamos que partilhassem dos mesmos preconceitos em relação à escola. Uma primeira questão a se considerar, é que eles falam da escola em um momento presente. Um momento que corresponde ao agora. Agora ela era uma escola em ordem: pintada, sem vidros quebrados, com professores, uma direção (ainda que não se saiba quem é), enfim, a escola tinha “bom funcionamento”.

P: *Como você vê esta escola?*

Talita: *Não, ela é boa. Não é a escola que é ruim, são os alunos. Os alunos que não dá muito valor, mas a escola é boa.*

P: *E o aspecto físico da escola?*

Talita: *Tá bom. Agora tá bom. Não tá tudo pichado que nem tava. Tá bom. A escola melhorou bastante também.*

P: *Como era antes?*

Talita: *Antigamente a escola era toda pichada, suja, ninguém conservava. Agora tá bom.*

---

<sup>4</sup> A Secretaria implantou, desde 1996, o SARESP (Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo) - uma avaliação, externa, diagnóstica, que permite o monitoramento da qualidade do ensino. O Saresp fornece indicadores para as intervenções necessárias às ações educacionais desenvolvidas pelas escolas para seu contínuo aprimoramento e melhoria. Disponível em: [www.educacao.sp.gov.br](http://www.educacao.sp.gov.br). Consultado em dezembro de 2004.

Uma escola limpa, que seja conservada assim, sem pichações, alunos , professores, uma quadra: é assim uma escola boa. É boa porque eles que fazem a escola. É boa porque quem diz que ela é ruim não está lá. Não pode julgá-la pois não está “dentro do sistema”. É boa porque é escola, isto basta. O importante é passar pela escola, qualquer uma serve.

Não é a escola. É uma escola. É o que significa escola destituída de todos os adjetivos e qualificações, é o que resta, é o que interessa. É uma escola, com as possibilidades que tem qualquer escola. Deleuze conta que “o canalha Riderhood está prestes a morrer num quase afogamento, e neste ponto libera `centelha de vida dentro dele´ que parece poder ser separada do canalha que ele é, centelha com a qual todos a sua volta se compadecem, por mais que o odeiem. Eis aí uma vida, puro acontecimento, impessoal, singular, neutro, para além do bem e do mal, uma `espécie de beatitude´, diz Deleuze” (Pelbart, 2003,p.50). Eis aí uma escola, “puro acontecimento”, em estado bruto.

*Anderson: Tem gente que acha que é uma das piores escolas né mano, mas você só pode julgar se você tá dentro do sistema né. Não adianta você querer julgar se você não sabe nem o que se passa dentro. O A... tem muita fama, mas essa escola é uma escola boa né meu. Se você quiser vim pra aprender, você chega dentro da sala, senta e aprende. Se você não quiser, fica em casa né, eu acho assim.*

Mas a falta e/ou não conservação da limpeza não era a única coisa. Também tinha outros problemas: a violência na escola. Nas conversas com alunos da escola, durante o período de observação, vários foram os relatos de histórias de violência.

Relatos de brigas de alunos armados dentro da escola, culminando, às vezes, em assassinatos ocorridos na porta , também foram recorrentes.

*Julio César: Uma experiência ruim foi quando um aluno deu um tiro no outro aí na saída da escola né, por causa de uma coisa boba que aconteceu entre os dois.*

A escola é antes de tudo um espaço ao qual eles tiveram que se acostumar. Era uma obrigação, que aos poucos foi se tornando um hábito e uma necessidade. Lembrar de como foi entrar na escola evoca um passado recente, no qual ela se opunha ao

ambiente de convívio familiar e, por isso, provocava o choro de estranheza. Também revela uma oposição entre escola e rua, sendo a última o espaço no qual podiam brincar livremente, e a primeira, espaço onde as coisas tinham hora certa para acontecer, inclusive o brincar .

*P: Você se lembra de quando entrou na escola? Como foi?*

*Anderson: Tipo... ah, no começo eu não gostava não, mano. Eu queria ficar na rua o dia inteiro até de noite. Mas aí, tipo nos primeiros anos, mano, no primeiro dia eu sempre chorava, não queria entrar. Aí minha mãe falava que eu tinha que ir, não sei o que. Aí eu era obrigado a ir né. Aí depois eu acostumei, aí fui passando a gostar assim de ir pra escola*

A escola é o lugar que produz trabalhadores que não usem somente a força física como mercadoria. É por meio dela que o “pivete”, hoje correndo atrás da bola, transformar-se-á num trabalhador que terá mais que sua força física para capitalizar. Ser assujeitado pelas grades da escola, formar-se, educar-se representa, entre outras coisas, não se tornar mais um “tiozinho carregando lata de cimento”.

*Felipe: A escola para mim representa tudo, como eu já havia falado, representa desde um pivete correndo atrás de uma bola ali brincando, até o tiozinho carregando lata de cimento. A escola pra mim representa tudo. Você sem a escola você não é nada. Eu vejo muito pai de família aí hoje em dia que não tem um estudo por que? Porque não pode ter um estudo. Agora, muito adolescente saindo da escola, porque quer, quer parar de estudar... quer ficar na rua. Essa é a mensagem, não façam isso mano. A escola é um incentivo para você. Amanhã ou depois pesa pra você arrumar um emprego. Termina os estudos, faça um curso. A escola pra mim é como você falou, o que representa pra mim a escola? Representa tudo mano, escola pra mim é tudo. Imagine eu, amanhã ou depois sem escola? Que que eu vou ser? Não vou ser nada, vou ser apenas mais um tiozinho por aí carregando lata de cimento pra ganhar dez conto, pra ter que ajudar minha família em casa na despesa. E é isso aí mano, a escola para mim representa tudo ó.*

Os manos depositam muita esperança de crescimento, ascensão financeira, política e social no hip hop. Pensar nisto é fundamental para entender a fala de Felipe transcrita acima. A valoração positiva da escola ou escolarização, a ênfase no não querer ser “mais um tiozinho carregando lata de cimento”, aliada à possibilidade de mobilidade social e notoriedade que poderia alcançar no e pelo hip hop, nos remetem ao fato de que a música, muito mais que o trabalho, representa esperança de emancipação para os negros do Ocidente, conforme o exposto por Gilroy (2001)<sup>5</sup>.

O autor afirma que “para os descendentes de escravos, o trabalho representa apenas servidão, miséria, subordinação” (Gilroy, 2001:100). Para o autor, poder manipular de maneira criativa a linguagem falada, sobretudo a música, criando formas exclusivas e especiais de práticas culturais, é uma maneira de ir além dos que nos foi fornecido pelo sistema. Neste sentido, fazer música se torna uma forma de retomar, reinventar, positivar a própria vida. É biopotência.

A escola, ou melhor o espaço escolar, tem que ser cuidado. É a escola do seu bairro, é uma escola pobre, é uma escola de pobres, é enfim a sua escola. Cuidar da escola significa ter uma escola.

A fala transcrita de Júlio César que veremos mais adiante apresenta um “salve”. No hip hop, “mandar um salve” é um compromisso. Uma promessa informal, na qual estão implicadas regras determinadas pela ética do próprio movimento. Só se manda um salve para quem “faz parte”, “corre pelo certo” ou para quem tem “proceder”. O “salve” de Júlio é para “todo mundo que colabora com a escola”. É na Escola que se “vai batalhar para ser alguém na vida”, para não ser “mais um tiozinho carregando lata de cimento”.

À positividade da Escola, corrobora o “cuidar” da escola. Ao fazerem isto recuperam nela o seu aspecto público, de espaço público, espaço político que é de todos. O cuidar da escola envolve também uma prática que se relaciona ao fato de serem hip hoppers. Isso implica em reconhecer que existe uma autoridade dos mais velhos, mais experientes para aconselhar os mais novos, determinando, inclusive, modos de conduta. O que é também uma relação de forças na qual o mais velhos, experientes, autorizados dizem o que devem fazer os menos experientes e mais novos. É comum às letras de rap e aos discursos de rappers durante os shows, aconselharem os mais novos: crianças, adolescentes, iniciantes, aqueles que se distanciam das normas.

---

<sup>5</sup> Gilroy, P. *O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed.34, Rio de Janeiro: UCAM-CEAA, 2001.

Os manos ao dizerem “estudem”, “não quebrem”, não o fazem somente porque sabem existir alunos que façam isto, mas também porque estão se supondo investidos de uma autoridade que os capacita a poder dizer “estudem”, “não quebrem”. Sua fala é sempre coletiva, ainda que no singular, é uma fala múltipla, porque reverbera outras falas. Remete-se a coletivo: os que estão na escola e os que virão. Todos são igualmente responsáveis pelas crianças, pelos mais novos, pelos iniciantes, pelos que não se identificam, pela escola, pelo movimento hip hop. O que por um lado pode ser visto como um discurso moralista e adultocêntrico, por outro, pode-se revelar uma prática comum ao universo cultural, social e político do hip hop.

A prática<sup>6</sup> que se denomina aqui como “cuidar”, se forma e se mantém nas relações entre os manos, o que torna possível a cada um ser responsável por manter o “proceder”<sup>7</sup> do movimento hip hop. E assim, com e para os que fazem parte, com e para os que ainda farão parte, os hip hoppers vão criando a possibilidade de existir e crescer como pessoa, criando dessa forma uma comunidade.

Nesse sentido, os rappers profissionais e os manos e minas que estão na escola, retomam a antiga tradição africana dos contar histórias e aconselhar os mais novos.

Júlio César: *Ah tipo, primeiro eu tenho que conscientizar os irmãozinho que tá comigo aí, lado a lado aí, pra tipo... num quebra nada né irmão, um vidro, uma carteira que isso daí pode prejudica a pivetada tá chegando aí pro futuro.*

A escola também aparece como opção de lazer. E também em virtude disso, ela deve ser cuidada. E o cuidar da escola não é só tarefa dos alunos, no seu rap-entrevista, os manos conclamam a comunidade usuária do espaço escolar para realizar com eles essa tarefa. A escola, que abre aos finais de semana, torna-se a única opção de lazer dos que moram nas comunidades próximas à escola. E a comunidade deverá fazer parte da prática do cuidar. A fala de Júlio César aponta que não só ele cumpre seu papel de mais velho, aconselhando e ensinando aos mais novos que usam o espaço escolar como lazer, como também chama os pais das crianças ao dever de aconselhar e ensinar.

Anderson: *E... tipo, você acha assim que a comunidade podia fazer pra melhorar assim o sistema assim de educação aqui na escola pra rapaziada aí.*

---

<sup>6</sup> “A prática não é uma instância misteriosa, um subsolo da história, um motor oculto: é o que fazem as pessoas (a palavra significa exatamente o que diz)”. Veyne, P. 1998, p.252

<sup>7</sup> No hip hop o termo “proceder” pode ser entendido como maneira de agir; geralmente no sentido de agir com correção.

Julio César: *Eu acho que todas família tinha que se conscientizar né mano, igual sábado e domingo que a escola é aberta aí pra população aí mano, todo mundo dar uma idéia no seu pivete pra chegar mano, vamo chegar mais com vontade, não vamo quebrar nada mano, vamo só curtir a escola que é o lazer mano, é a única coisa que nós tem aí de bom, tipo eles tá dando uma força pra nós e nós tem que retribuir mano, quando eles precisar de uma assistência nós ta sempre chegando aí né, rapaz.*

Gomes (1999) ao analisar trajetória escolar de rappers, salienta que a escola aparece em suas falas como a instituição responsável pela divulgação da informação e pela transmissão do conhecimento. A escola tem papel decisivo na formação.

Weller (2000), também ao investigar um grupo de rappers paulistanos, observa que o hip hop foi fundamental no resgate da história e cultura dos afrodescendentes de uma forma crítica “uma vez que os currículos escolares segundo os rappers, reproduzem a história da população negra somente a partir do ‘processo da escravidão’, negando a existência de uma história e cultura negra anterior ao processo da escravidão e de um desenvolvimento posterior nas Américas”. (Weller, 2000, p. 218)

Nas falas dos hip hoppers de nossa pesquisa não foi diferente. Ao dizerem que a escola educa e o hip hop informa, o que estabelecem são funções equivalentes para os dois.

Gabriel: *E ó, é tipo assim se liga só: eu vou no respeito e bem melhor/ nenhum polícia, nenhum político/ vai me deixar com dó/ esticado no chão , não, não, não / no meu rap eu tenho a solução: informação/ é isso memo que eu tenho/ idéia pra trocar com sociólogo e pá/ é isso memo, até idéia eu fui tirar.(...) No rap eu tenho minha informação, na escola eu tenho a minha educação, certo. E não vou ser mais um neguinho burro da favela ta me entendendo. Eu vou ser alguém na vida. E se não for pelo meio do hip hop, eu vou continuar até eu morrer certo, no rap certo.*

Estar na escola poderia ser visto como forma de resistência, um jeito de aproveitar o que o que está posto ali, envergando a escola a seu favor. Pode ser também estratégia para esvaziar o discurso de quem diz que “rap é coisa pra burro”, “rap é coisa

de bandido”. E até modo de despotencializar a fala de quem atribui àquela escola um desprestígio social.

Felipe: *É o seguinte, como um parceiro meu me falou aí mano. To lembrado como fosse hoje. Nunca tinha conversado com o cara, hoje eu e o cara é aliado mano. Parceiro ali do Bristol<sup>8</sup> ali, o Gema, Poder da Mente<sup>9</sup>. Foi na primeira mão que eu trombei o cara. O cara falou pra mim: “aí irmão, estuda! O sistema fala que o rap é coisa pra burro, mano. Não é isso não, mano”. Quando eu comecei cantar rap ele falou isso pra mim. Tá gravado na mente, eu não esqueço mano.*

A escola está entre os meios que possibilitarão a essas vidas, com sua inteligência, sua criatividade, tornar sua *força-invenção*<sup>10</sup> fonte de valor. Neste sentido, hip hop e escola são complementares. Ambos contribuem para que eles possam produzir o novo – inventar novos desejos e novas crenças, novas associações e novas formas de cooperação. Por produzir o novo deixam de ser apenas objetos e vítimas das formas de poder, passando a ser positividade crescente que os sistemas de poder se esforçam em regular, modular, controlar.

Pelbart (2003) ao falar do contexto de um capitalismo cultural, que expropria e revende modos de vidas, pergunta-se: “não haveria uma tendência crescente, por parte dos chamados excluídos, em usar a própria vida, na sua precariedade de subsistência, como um vetor de autovalorização”? (Pelbart, 2003, p.22)

Os manos e minas fizeram sua entrevista tomar forma de música em alguns momentos. Podemos pensar que a partir do espaço a que foram relegados (favela, periferia, escola) são capazes de transformar suas vida, em estéticas de vida<sup>11</sup>, em biopotência. São capazes de partir do mote escola, fazer música no improviso. Essa vida com suas histórias, seu estilo, sua singularidade, seu jeito de vestir, de gesticular, de cuidar da escola, de resistir, é seu único capital. Essa vida capitalizada, feita vetor de

---

<sup>8</sup> Parque Bristol, bairro da região da zona sul de São Paulo.

<sup>9</sup> Grupo de rap da zona sul de São Paulo.

<sup>10</sup> “uma economia imaterial que produz sobretudo informação, imagens, serviços, não pode basear-se na força física, no trabalho mecânico, no automatismo burro, na solidão compartimentada. São requisitados dos trabalhadores sua inteligência, sua imaginação, sua criatividade, sua conectividade, sua afetividade – toda uma dimensão subjetiva e extra-econômica, antes relegada ao domínio exclusivamente pessoal e privado, no máximo artístico”. (Pelbart 2003:24)

<sup>11</sup> “Trata-se de inventar modos de existência, segundo regras facultativas, capazes de resistir ao poder bem como se furtar ao saber, mesmo se o saber tentar penetrá-los e o poder tentar apropriar-se deles.” Deleuze, 1992:116.

existencialização produz o valor desses hip hoppers por meio de seu modo de falar cantando ou cantar falando .

Gabriel: *Como você falou no free style<sup>12</sup> eu também quero chegar entendeu. E ó, é tipo assim se liga só: eu vou no respeito e bem melhor/ nenhum polícia, nenhum político/ vai me deixar com dó/ esticado no chão, não, não, não / no meu rap eu tenho a solução: informação(...)eu não sou muito bom no free style, e eu vou chegar e vou falar entendeu, que o bagulho é isso memo.*

Na guerra de forças ativas e reativas, dentro da escola, apenas a direção, síntese e representação do poder do Estado e, portanto, do sistema, é vista como a vigilância que exerce sobre eles o poder. É a direção quem não tira os olhos deles, a direção como função de polícia. Ela segue julgando, punindo, aceitando uns ou expulsando outros. Segundo suas falas, a direção não faz parte da escola, está lá colocada apenas para “manter o bom funcionamento”, por isso alguns dizem nem saber quem é a diretora ou o diretor e isto não faz diferença, já que a escola está funcionando.

Pesquisadora: *E com a direção da escola?*

Talita: *Não falo muito não, nem falo com eles.*

P: *Você sabe que são os diretores?*

Talita: *Sei que a diretora... é uma diretora, e o vice-diretor, que é o A., mas o nome da diretora eu não lembro.*

A direção é também responsável pelo processo de infantilização dos alunos, processo este que consiste em tentar mantê-los calados, sentados, em sala de aula; obriga a levantar a mão para falar, a ficar na escola doente até que alguém venha buscá-lo, a não gritar, não reivindicar, não responder. A direção aparece como agente no processo de disciplinarização e homogeneização dos corpos. Processo pelo qual transforma o diferente em tudo igual.

Anderson: *A direção é meia folgada viu, direção qualquer coisinha ela já quer tirar nós já mano, como se nós fosse cachorro mano! Não é bem assim, tem que chegar e conversar né?!*

P: *Por que você acha que a direção trata vocês assim?*

---

<sup>12</sup> O *free style* pode ser definido como as atividades que o MC, o DJ, B.Boy ou o Grafiteiro fazem no improviso. No caso, o mano se refere ao rap que o entrevistado por ele canto no improviso.

Anderson: *Ah não sei, mano. Se pá ela acha que ela comanda todo mundo né? E não é bem assim. Ela é diretora da escola, ela tem que manter um bom funcionamento, não manter a gente como cachorro aqui dentro, que aqui ninguém é cachorro, todo mundo aqui é ser humano igual a ela né.*

Os professores, por sua vez, fazem parte da escola porque dão uma “assistência”. Dizer que os professores fazem parte, corresponde a dizer que os professores são parceiros, aliados de seus interesses, cumprem seu papel, pois ser professor não é um dom divino, é uma profissão remunerada. Em virtude disso, ou em retribuição, pode-se até mesmo fazer força para manter o bom relacionamento com os professores.

Felipe: *São boas [as relações com], todos professores. Assim... normal. É que nem eu falo, depende é como é que você age. Se você quer estudar, professor te trata bem. Se você não quer, quer ficar zoando na aula, que ficar zoando professor, ele vai ficar meio assim ...*

*O professor tá explicando matéria, vamo prestar atenção nele. Ele não tá aqui de graça. É o trabalho dele. Ele tá ganhando pra ensinar. Hora é brincar é brincar, hora de aprender é hora de aprender, estudar.*

Segundo Abdalla (2004)<sup>13</sup> o embate de forças que se travam dentro da escola começa do lado de fora, todavia se potencializam dentro dela, e as formas visíveis de violência nada mais são do que a explicitação da guerra que se desencadeia dentro e fora da escola. “Nesse tipo de luta todos adquirem algum poder e procuram exercê-lo, cada um à sua maneira” (Abdalla, 2004:60), dessa forma a autora acredita que se possa falar em violência “na escola e da escola”.

P: *O que acontece?*

Julio César: *O que acontece é que parece que só tem eu aqui na escola, eu e alguns alunos , que tudo ela reclama com a gente. Se tá dentro da sala ela reclama, tipo... alguém passou pra ela que nós tava do lado de fora, isso daí nós tem como provar que é mentira né. Antes eu até ficava, mas depois do momento que começou mesmo pegar firme as aulas,*

---

<sup>13</sup> Abdalla , V. *O que pensam os alunos sobre a escola noturna*. São Paulo: Cortez, 2004.

*sempre lá dentro estudando né, que é meu pensamento, meu objetivo é um só: é aprender.*

Entendendo que a sociedade de controle é a intensificação do controle sobre os corpos, podemos dizer que a escola continua exercendo controle sobre os corpos, tipo de poder característico da sociedade disciplinar. A representação desse controle pode ser resumida pela metáfora abaixo, criada pela fala de Julio César.

*Julio César: Com a direção era bom [o relacionamento], mas no momento agora atual, ela não tá muito legal né, porque tipo... a diretora parece que só tem olho pra olhar a gente.*

A vigilância o tempo todo. Esse olho, que mesmo não estando perto, só olha para eles. É esse controle que sinalizamos há pouco. É um controle sobre os corpos dos alunos, relacionado ao processo de infantilização dos mesmos. O controle pode ser visto como uma forma de violência da escola. Mas alguns corpos, algumas falas escapam a esse controle. Detona-se, então, a guerra.

### **Considerações Finais**

#### **Hip hop: a guerra**

Refletindo sobre o significado da palavra violência, em relação à escola, Abdalla (2004) diz que “se trata mesmo é de uma espécie de guerra, que tece uma teia imensa de pequenos poderes que se entrecrocaram no espaço escolar onde uns querem algumas coisas e outros desejam outras, bem diferentes. Guerra de forças ativas e reativas”.

Também no campo da cultura existe uma guerra, um “jogo de posições”. A vida cultural tem sido transformada em nossa época pelas vozes das margens. Conforme Hall (2003)<sup>14</sup> “Dentro da cultura, a marginalidade, embora permaneça periférica em relação ao *mainstream*, nunca foi um espaço tão produtivo quanto é agora, e isso não é simplesmente uma abertura, dentro dos espaços dominantes, à ocupação dos de fora. É também o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural.” (Hall, 2003:338)

Podemos então pensar que a guerra ora desencadeada na escola não só é constituída pelo entrecroque de pequenos poderes, mas também pelo jogo de posições

---

<sup>14</sup> Hall, S. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

ocasionado pelo fato de culturas marginais, entendidas como aquelas que de alguma forma resistem e enfrentam padrões culturais hegemônicos, estarem adentrando, no sentido de empurrar, fazer entrar usando a força, ocupando o espaço escolar.

Nesse sentido, os hip hoppers têm efetuado diferenças e deslocado disposições do poder em diversos espaços e instituições, inclusive na escola. A visibilidade que o hip hop trouxe aos jovens negros e a *toda uma legião de deserdados da cidade mais rica ao sul do equador*<sup>15</sup> causou grande espanto à mídia na década de 90.

*O arrastão do rap.*

*Rebeldes e mal-encarados, os Racionais MCs colocam três músicas nas grandes FMs e invadem a praia da “playboyzada” com o canto falado da periferia.* (Revista da Folha, ano 2 n. 104, São Paulo, 14 abr. 1994)

Essa pungência, misto de medo e admiração, traduzido em manchetes como a transcrita acima, relaciona-se ao fato de os jovens negros deixarem de aparecer apenas como vítimas, mostrando seus “magníficos rostos novos”, embora “rebeldes e mal-encarados”. E o fazem a partir dos próprios territórios de miséria a que foram relegados.

### **Referências Bibliográficas**

- ABRAMOWICZ, A. Prefácio. In: Barbosa, J. (org), *Autores cidadãos. A sala de aula numa perspectiva multirreferencial*. São Carlos: Editora da UFSCar, 2000.
- ABDALLA, V. *O que pensam os alunos sobre a escola noturna*. São Paulo: Cortez, 2004.
- \_\_\_\_ & SILVA, S. J. *Os sons que vêm das ruas*. In: ANDRADE, E. N. (org.) (1999). *Rap e educação Rap é educação*. São Paulo: Selo Negro, 1999.
- CARRANO, P.C. R. *Os jovens e a cidade. Identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- DELEUZE, G. *Conversações.1972-1990*. São Paulo: Ed. 34, 1992. (3ª reimpressão, 2000)
- FOUCAULT, M. *A vida dos homens infames*. In: *Ditos e escritos vol IV. Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. P203-222
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2003. 18ª edição.

---

<sup>15</sup> Azevedo & Silva., 1999, p. 97

- \_\_\_\_\_. *Ditos e escritos, vol IV. Estratégia, poder e saber*. MOTTA, M. B. (org). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- GILROY, P. *O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34, Rio de Janeiro: UCAM, 2001.
- GOMES, N. L. *Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?*. Revista Brasileira de Educação, nº 21, 2002.
- GOMES, N. L. *Rappers, educação e identidade racial*. In: LIMA, I. et al (orgs). *Educação popular afro-brasileira*. Florianópolis, Núcleo de Estudos Negros, nº 5, 1999.
- HALL, S. *Da diáspora. Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, Brasília: UNESCO, 2003.
- HARDT, M. & NEGRI, A. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- JOVINO, I. S. *El rap como práctica cultural juvenil negra*. In: Boletín IFP, Santiago, ano 2 n. 6, mayo 2004.
- ORLANDI, L. B. L. *Do enunciado em Foucault à teoria da multiplicidade em Deleuze*. In: TRONCA, I. *Foucault Vivo*. Campinas: Pontes, 1987.
- PELBART, P. P. *Vida capital. Ensaio de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003.
- PIZA, E. & ROSEMBERG, F. *Cor nos censos brasileiros*. In: Carone, I. & Bento, M.A.S.(org), *Psicologia Social do Racismo. Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1998, 4ª ed. *Foucault revoluciona a história*, p.237-285.
- WELLER, W. *A construção de identidades através do Hip Hop: uma análise comparativa entre rappers negros em São Paulo e rappers turcos-alemães em Berlim*. In: *Identidades, Alteridades, Latinidades*. Salvador: CRH UFBA, Caderno CRH, nº 32,2000.